

## DOIS CORPOS EM CONTATO: O IDEAL FEMININO E A MATURIDADE SEXUAL EM O PRIMEIRO BEIJO DE CLARICE LISPECTOR

Luciana Braga (UFC)<sup>1</sup>

**Resumo:** Pretende-se, neste trabalho, analisar o ideal feminino a partir da representação de uma mulher por meio de uma estátua de pedra e a maturidade sexual alcançada por um jovem ao beijá-la no conto “O Primeiro Beijo” (1998), de Clarice Lispector. Nesse conto, frente ao enigma do desejo, percebemos o jogo de alteridade feminino e masculino, assim como as diversas simbologias sexuais em torno da sede insaciável do personagem. Portanto, pretendemos analisar a escrita desse conto através de Elódia Xavier (2007); FREUD (1915), com seu conceito de “pulsão sexual”. Além de BATAILLE (2017), BARTHES (2015), SÁ (2000), entre outros teóricos importantes para o desenvolvimento desse trabalho.

**Palavras-chave:** Corpo; Feminino; Beijo; Pulsão sexual; Maturidade

### Introdução

Segundo Lucia Castello Branco (1984, p.68), há alguns processos humanos que se circunscrevem ao domínio de Eros e que se realizam como expressão de uma nostalgia de completude, de um desejo de conexão com o cosmo; é o misticismo, a arte e o feminino.

Dentre os três processos supracitados, interessa-nos refletir em torno do feminino, a fim de compreender como se estabelece essa conexão erótica. Para tanto, é importante nos remetermos ao Banquete, de Platão (1987), provavelmente um dos textos mais antigos sobre o erotismo, em que Aristófanes, um dos convidados do banquete, conta que originalmente, a humanidade era formada por três gêneros, um feminino, um masculino e outro andrógino. Sendo este último comum aos dois, ao masculino e ao feminino. O andrógino possuía um dorso redondo, os flancos em círculo; possuía quatro mãos, dois rostos, quatro orelhas e dois sexos. O masculino era descendente do sol, o feminino da terra e o andrógino da lua. Esses gêneros possuíam grande força, vigor e presunção, o que os fizeram se voltar contra os deuses, obrigando Zeus a puni-los cortando-os em dois a fim de enfraquecê-los.

Dessa forma, entendemos quando Bataille (2017) afirma que “a reprodução coloca em jogo seres descontínuos.” (p. 36), pois os seres humanos estão sempre em busca da continuidade perdida conforme indica a fala de Aristófanes.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras Português – Literaturas (UFC), Especialista em Ensino de Língua Portuguesa (UECE) e Mestranda em Literatura Comparada (UFC). Contato: l-braga@hotmail.com

Assim, surge a necessidade de Eros para recompor essa natureza dividida. Sendo a mulher a que melhor preservou o seu parentesco com a sua situação anterior, sobretudo na gravidez, em que ela revive temporariamente sua forma perdida.

Já o homem, quando busca a imagem de uma mulher, é, pois, ansiando por essa completude perdida. “A posse do ser amado não significa a morte, pelo contrário, mas a morte está envolvida nessa busca.” (BATAILLE, 2017, p. 43).

Cabe lembrar que para Bataille (1987), o erotismo é “a aprovação da vida até na morte” (p.10); o que, segundo o próprio autor não chega a ser uma definição propriamente dita, mas dá o sentido que ele deseja para este que não é um mero vocábulo nem tampouco se restringe ao ato sexual. Afinal, “só os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica” (BATAILLE, 1987, p.10).

Curioso que Bataille (1987) tenha associado a ideia da morte ao erotismo, pois acreditamos que há sim uma linha tênue entre ambos, apesar de paradoxal. “O significado da metáfora erótica é ambíguo. Melhor dizendo, é plural. Diz muitas coisas, todas diferentes, mas em todas elas aparecem duas palavras: prazer e morte.” (PAZ, 1994, p. 19). Se acreditarmos que o erotismo é associado ao sexo, ao desejo, à transgressão, ao prazer, ao delírio, ao pecado, à ruptura, à liberdade e à paixão; poderíamos também concluir que gira em torno da morte o mesmo fascínio.

No conto “O Primeiro Beijo”, presente em *Felicidade Clandestina* (1998), de Clarice Lispector há claramente essa busca pela completude masculina manifestada através da sede intensa do personagem que entra em contato com um ideal feminino representado por uma mulher em forma de estátua de pedra; o objetivo do presente trabalho é analisar, portanto, como se dá esse encontro e a consequente maturidade sexual alcançada pelo jovem através de um beijo.

### **Dois corpos em contato**

O conto “O Primeiro Beijo”, de Clarice Lispector já se inicia trazendo um elemento conflituoso para a discussão: o amor; que, na narrativa, é associado à tontura dos amantes e consequentemente ao ciúme. Este último reforçando a ideia de que quem ama, conforme Betty Milan (1984), precisa sentir-se único, embora o amor, na verdade, seja “uma promessa que não se cumpre e só por o ignorarmos acreditamos nas suas

juras, entregamo-nos a elas, como se do sentimento ou da vida se pudesse dar ou ter garantias.” (MILAN, 1984, p. 15).

É exatamente em busca dessas garantias que a namorada decide perguntar ao namorado se ele já havia beijado outra além dela. A resposta é simples e direta: “-Sim, já beijei antes uma mulher.” (LISPECTOR, 1998, p. 157).

Ferida no seu íntimo, pois quem ama depende da reciprocidade para ser feliz ou infeliz (MILAN, 1984, p.24), a menina faz a segunda e decisiva pergunta: “-Quem era ela?” e o narrador em terceira pessoa inicia a narrativa memorialista que leva o leitor aos tempos de escola do protagonista que fazia parte de uma garotada que seguia dentro de um ônibus em excursão.

Já nesse primeiro parágrafo lembrado pelo narrador, os primeiros traços de uma narrativa fortemente erótica se anunciam “A concentração no sentir era difícil no meio da balbúrdia dos companheiros.” (LISPECTOR, 1998, p.157). Em outras palavras, esse desejo por se concentrar nas sensações é típico do impulso erótico, pois ele “percorre a trajetória do silêncio, da fugacidade e do caos.” (BRANCO, 1984, p. 65).

Contudo, o desejo vai ser representado de maneira ainda mais evidente na sede hiperbólica do personagem representada no seguinte trecho:

E mesmo a sede começara: brincar com a turma, falar bem alto, mais alto que o barulho do motor, rir, gritar, pensar, sentir, puxa vida! como deixava a garganta seca.

E nem sombra de água. O jeito era juntar saliva, e foi o que fez. Depois de reunida na boca ardente engulia-a lentamente, outra vez e mais outra. Era morna, porém, a saliva, e não tirava a sede. Uma sede enorme maior do que ele próprio, que lhe tomava agora o corpo todo. A brisa fina, antes tão boa, agora ao sol do meio dia tornara-se quente e árida e ao penetrar pelo nariz secava ainda mais a pouca saliva que pacientemente juntava.

E se fechasse as narinas e respirasse um pouco menos daquele vento de deserto? Tentou por instantes mas logo sufocava. O jeito era mesmo esperar, esperar. Talvez minutos apenas, enquanto sua sede era de anos. (LISPECTOR, 1998, p. 157-158)

Facilmente identificamos a sede do personagem como um desejo sexual, ou melhor, uma “pulsão sexual”, tal como definiu Freud (2017), em que o “estímulo pulsional não advém do mundo exterior, mas do interior do próprio organismo.” (p. 19), de forma que é exatamente assim que ocorre com o personagem, pois essa sede inexplicável é algo que vem do próprio organismo dele e o deixa sofrendo com a garganta seca, sufocado, delirante. Esse desejo imenso do personagem pela água se

assemelha bastante a busca do ser feminino, masculino e andrógono pela completude perdida; em que Eros não seria apenas o objeto que se busca, mas a própria busca. Logo, o que nos é mais representativo nesse trecho do conto clariceano não é a priori se o personagem saciará ou não sua sede metafórica e física ao mesmo tempo, porém entender as transformações que seu corpo vai passando durante esse percurso.

Cabe salientar que o narrador descreve a sede do personagem como maior que ele próprio, tomando todo o seu corpo, o que pode ser comparado à magnitude da excitação, cujo descontrole é um caráter evidente, mas assim como Eros é incapturável por ser ao mesmo tempo “vida e morte, carência e excesso, arrebatamento e abandono” (BRANCO, 1984, p.100), a sede do personagem parece ser insaciável também.

Outro aspecto interessante é que o personagem busca satisfazer a si mesmo engolindo lentamente a própria saliva a fim de saciar a sua sede ou sua pulsão sexual; no entanto, percebemos que esse indivíduo não é narcisista ou “autoerótico” (FREUD, 2017, p.53), pois ele não consegue sozinho satisfazer sua necessidade, acabar com sua busca.

Além disso, o trecho finaliza com a resignação do personagem em esperar, esperar; em que conforme Barthes (2015, p.51), a palavra já é erótica quando repetida excessivamente e segundo Olga de Sá (2000, p. 152), “Clarice usa a repetição e o desgaste dos registros interjetivos para fazer minguar a linguagem”. Nesse trecho não é só a linguagem que ela quer minguar, mas é a própria pulsão sexual relacionada com o adjetivo “esperar” que também se refere a ausência, é, portanto, a ânsia pela completude mais uma vez expressa configurando finalmente esse trecho inteiramente erótico.

Adiante o narrador anuncia a proximidade da tão desejada água através da seguinte frase: “e seus olhos saltavam para fora da janela procurando a estrada, penetrando entre os arbustos, espreitando, farejando”. (LISPECTOR, 1998, p.158). Percebemos que embora os “olhos saltem pela janela”, essa atitude não se configura apenas em um “voyeurismo” (FREUD, 2017, p.35), pois a seleção verbal que se segue é praticamente a descrição de uma preliminar sexual que ganha ainda mais força no parágrafo seguinte quando o narrador utiliza a expressão “instinto animal” para definir esse estado do homem em prever a proximidade do objeto desejado, embora saibamos que instinto inicialmente não parece ser o termo que melhor define o estado em que se

encontra o personagem, pois “apenas os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica”. (BATAILLE, 2017, p. 35).

Adiante, o personagem encontrará o chafariz “na curva inesperada da escola e entre arbustos” (LISPECTOR, 1998, p.158) fazendo brotar um filete da água sonhada. Esse encontro “metaforiza o encontro com o órgão sexual feminino - o qual será o objeto desejável de satisfação sexual da sua libido, a qual já superou o auto-erotismo representado pela tentativa de saciar a sede com a própria saliva.” (ROEFERO, 2006, p.54). E essa ideia pode ser comprovada através das escolhas lexicais da autora para descrever a própria localização do chafariz na “curva inesperada” que remete as formas sinuosas do corpo feminino, mas como se não bastasse, o chafariz fica “entre arbustos”, isto é, escondido, velado, assim como o órgão sexual feminino, em que os arbustos podem facilmente remeter aos pelos pubianos e o “filete da água sonhada” é uma pequena amostra da promessa de gozo; é a lubrificação da genitália que aumenta o desejo de alcançar o prazer pleno.

Segundo Bataille (2017), “essencialmente, o domínio do erotismo é o domínio da violência, o domínio da violação.” (p.40), ou seja, o prazer dificilmente é alcançado de forma gentil; há sempre algo de agressivo no ato; até porque a autora optou pela expressão “instinto animal” atribuindo um caráter mais selvagem ao personagem.

Assim, compreendemos que esse gozo não virá dissociado da dor ou da violência e comprovamos essa hipótese quando o narrador descreve o primeiro contato do rapaz com o chafariz da seguinte forma: “De olhos fechados entreabriu os lábios e colou-os ferozmente ao orifício de onde jorrava a água” (LISPECTOR, 1998, p. 158). O ato de fechar os olhos já remete a um primeiro contato amoroso ou sexual, mas o narrador ainda acrescenta que os lábios entreabertos são colados “ferozmente” no orifício de onde jorrava água. Mais uma vez, a escolha lexical é do domínio do erótico e sensual e o primeiro contato é violento assinalado através do uso do advérbio “ferozmente” que se liga perfeitamente ao “instinto animal” do personagem movido pela “pulsão sexual” que dita seu comportamento nesse momento.

Os lábios colados no orifício podem remeter a um beijo ou ao sexo oral, porém dificilmente designa apenas um ato de beber água no chafariz. A linguagem de Clarice é, portanto, completamente ambígua, visual e sensitiva ou no dizer de Milliet (1953, p.34) “tão sensual que as coisas mais insignificantes despertam nela sensações

profundas. Sua inteligência não analisa, não observa, apenas exprime, em imagens inesperadas e sutis, aquilo que os sentidos apreendem”.

A escrita de Clarice não se prende a um enredo tradicional, mas antes se prende à própria palavra, para ser mais preciso, à literatura de Clarice

[...] na sua radicalidade, se alimenta da palavra, é “um mergulho na matéria da palavra”, ou seja, ele está na capacidade que tem a palavra de se suceder a uma outra palavra, sem a necessidade de buscar um suporte alheio ao corpo das próprias palavras que se sucedem em espaçamento (SANTIAGO, 2004, p. 232).

Retornando ao conto, após saciar sua sede, algo inesperado ocorre, pois não se tratava de um chafariz comum, ele possuía a forma de uma mulher:

Abriu-os e viu bem junto de sua cara dois olhos de estátua fitando-o e viu que era a estátua de uma mulher e que era da boca da mulher que saía a água. Lembrou-se de que realmente ao primeiro gole sentira nos lábios um contato gélido, mais frio do que a água.

E soube então que havia colado sua boca na boca da estátua da mulher de pedra. A vida havia jorrado dessa boca, de uma boca para outra. (LISPECTOR, 1988, p.158).

No trecho supracitado, percebemos, conforme Costa (2010), que “a água que lhe traz excitação sexual é a “água” sonhada, proveniente de um objeto revestido pela fantasia, pois a estátua de pedra é revestida com uma representação feminina.” (p. 145).

No entanto, para o menino a representação feminina em forma de pedra é muito mais do que uma mera imagem, pois ao ser interrogado pela namorada no início do conto, ele se lembrou desse beijo como um ato legítimo, assim como a água que jorra da estátua não é uma simples água, mas uma “água da vida”, ou seja, é a própria manifestação de Eros, já que o feminino é um dos canais pelos quais Eros se faz ouvir, seja este feminino colocado de forma carnal e humana ou através de uma estátua de pedra.

É interessante como nas obras clariceanas, os personagens se assemelham tanto aos três gêneros originais divididos em busca da sua complementaridade, afinal, as narrativas de Clarice tocam no âmago da existência humana. Logo, a sede desse personagem, é uma sede erótica e saciada apenas no contato com um outro. Nessas relações entre o eu versus o outro, observamos que o encontro do eu versus o outro representa um conhecimento do eu a partir do outro e não o contrário; trata-se de “um

processo de comunicação interativa, no qual eu me vejo e me reconheço através do outro, na imagem que o outro faz de mim” (BEZERRA, 2005, p. 194) e a imagem que o menino faz da estátua é a de uma mulher de fato, o seu ideal de mulher, capaz de provocar em seu corpo adolescente as pulsões sexuais que ganharão força até o desfecho da narrativa.

Segundo Freud (2017, p.25), “o objeto de uma pulsão é aquele junto ao qual, ou através do qual, a pulsão pode alcançar sua meta.” Dessa forma, a estátua cumpre nesse momento o papel de objeto, pois a almejada “água” havia sido jorrada por sua boca. Todavia, segundo o narrador, o menino estava “confuso na sua inocência”, podendo facilmente confundir nesse momento o real e a representação, é, pois, um processo bem semelhante ao que ocorre com a escrita literária, em que, todavia, a literatura não se subordina a realidade, mas cria a própria realidade.

Outros elementos ainda nos interessam nesse conto tão rico, como o questionamento do jovem: “mas não é de uma mulher que sai o líquido vivificador, o líquido germinador de vida...” (LISPECTOR, 1998, p.159). A referência agora não é mais ao líquido que lubrifica a genitália feminina durante o ato sexual, mas ao leite materno.

E essa alusão à maternidade é imensamente simbólica, pois de acordo com Lúcia Castello Branco (1984, p.68):

durante a gestação, a mulher revive, ainda que temporariamente, a totalidade que lhe foi roubada por Zeus: é completa e redonda como os seres originais de Aristófanos. Além disso, a gestação lhe permite o contato íntimo com a origem e, paradoxalmente, com a morte: é somente através da morte do óvulo e do espermatozoide que se origina nova vida; é somente através da morte de seu estado de completude que o filho pode nascer. A mulher carrega, portanto, a capacidade natural de experienciar a totalidade e a fusão com o universo e de viver temporariamente sob os desígnios de Eros. (BRANCO, 1984, p.68).

Curioso que essa relação entre vida e morte não é exclusiva da situação da mulher durante a gravidez, mas está estreitamente ligada à própria concepção de erotismo, conforme Bataille (2017), em que o erotismo, como já mencionamos, é “a aprovação da vida até na morte” (p.10), pois segundo o mesmo autor, “o que designa a paixão é um halo de morte” (p.44).



Após refletir sobre o líquido vivificador da mulher; o menino confessa sua atitude voyerista ao olhar a estátua nua. E sabemos que o desnudamento é um ato decisivo nas narrativas eróticas, o que salienta mais uma vez o aspecto erótico do conto.

Adiante em destaque, em apenas uma linha, completamente isolada do resto do texto, a afirmação decisiva que dá título ao conto: “Ele a havia beijado” (LISPECTOR, 1998, p.159) e esse beijo é o símbolo primeiro da maturidade sexual desse garoto cuja sede metafórica tanto o atormentara.

No entanto, o processo de maturidade sexual é mais profundo e completo e é descrito nos últimos parágrafos do conto, cujas sensações do menino assinalam a sua já esperada transformação. A primeira sensação é um tremor que não se via por fora, mas que ele sentia dentro dele, bastante semelhante aos tremores durante um ato sexual que tem por fim “atingir o ser no mais íntimo, no ponto em que o coração desfalece.” (BATAILLE, 2017, p.41).

O processo ao qual o menino passará pode ser facilmente classificado na categoria de “corpo erotizado” de Elódia Xavier (2007, p. 157), em que ele irá viver “sua sensualidade plenamente e buscará usufruir desse prazer, passando ao leitor, através de um discurso pleno de sensações, a vivência de uma experiência erótica” que já havia iniciado antes mesmo dele tocar seus lábios na estátua, no momento que a sede tomou conta dele.

Agora são as sensações que tomam conta do nosso protagonista e ele preso em sua inocência e inexperiência fica “atônito” e “perturbado”, pois “uma parte de seu corpo, sempre antes relaxada, estava agora com uma tensão agressiva, e isso nunca lhe tinha acontecido.” (LISPECTOR, 1988, p.159). Trata-se da descrição de uma ereção. Em outras palavras, essa ênfase no genital masculino revela o seu poder dentro dessa cultura falocêntrica, em que “a fonte de todo o prazer reside sobretudo no falo.” (BRANCO, 1984, p. 77).

O falo representa nesse conto o poder adquirido pelo menino que amadurece sexualmente; revela também o seu domínio sobre aquele corpo nu que o contempla com olhos de pedra.

Segundo Roefero (2006, p.61),

de certa forma, o encontro com a imagem da estátua pode ser visto como o encontro com a ideia de mulher, uma noção primordial a partir da qual o jovem rapaz estará apto a reconhecer o princípio feminino



em outras mulheres – fenômeno que já está em marcha no conto, já que somos informados de que ele está namorando.

E esse encontro é completo, pois a pulsão sexual que o domina ao longo de toda a narrativa culmina com o gozo descrito nas últimas linhas:

Até que, vinda da profundidade de seu ser, jorrou de uma fonte oculta nele a verdade. Que logo o encheu de susto e logo também de um orgulho antes jamais sentido: ele...  
Ele se tornara homem. (LISPECTOR, 1998, p.159)

Percebemos no trecho supracitado que, conforme Xavier (2007, p.162), o corpo aqui ganha amplitude ao ser erotizado; além disso, identificamos que assim como o erotismo é um movimento constante de vida e morte; o conto não poderia finalizar de maneira mais simbólica: com a morte do menino e o nascimento do homem.

### **Considerações Finais**

O conto “O Primeiro Beijo”, de Clarice Lispector é uma típica leitura do prazer no dizer de Barthes (2015), pois assinala exatamente um instante semelhante ao que o “libertino degusta ao termo de uma maquinação ousada, mandando cortar a corda que o suspende, no momento em que goza.” (BARTHES, 2015, p.12).

É uma narrativa de contato entre dois corpos, o do menino e o do chafariz de pedra em forma de mulher; entre duas histórias, a da busca e a do beijo com conseqüente gozo e é ainda a história sobre o reconhecimento do eu feminino através do ideal de mulher representado pela estátua de pedra.

Esse conto é também uma narrativa de domínio puramente erótico em que Eros se faz presente o tempo inteiro, nos personagens, na linguagem e nas sensações suscitadas.

“O Primeiro Beijo” celebra, portanto, esse contato entre o eu versus o outro, em que o eu se transforma através do outro. É uma narrativa memorialista de um jovem outrora perdido e incompleto em busca de uma água metafórica capaz de saciar uma sede maior que ele mesmo. Essa sede é a pulsão sexual, é a fonte de vida, é o próprio Eros, é a descoberta também do leitor de uma escrita que o envolve e o prende do começo ao fim, pois “eu me interesso pela linguagem porque ela me fere ou me seduz.” (BARTHES, 2015, p.47). A escrita de Clarice é capaz de ambas atitudes, fere ao leitor, pois o desautomatiza com sua escrita plurissignificativa e o seduz por causa da potência

erótica de suas escolhas lexicais. Sentimo-nos beijados também e de certa forma saciados com a complexidade dessa escrita.

## Referências

BARTHES, R. **O Prazer do texto**. Tradução: J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BATAILLE, G. **O erotismo**. Tradução, apresentação e organização: Fernando Scheibe. 1ª ed. 2ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BEZERRA, P. **Polifonia**. In: BRAIT, B. Bakhtin: conceitos chave. São Paulo: Contexto, 2005.

BRANCO, L. C. O que é erotismo. In: **O que é: amor, erotismo, pornografia**. (Coleção Primeiros Passos, 11). São Paulo: Círculo do livro, 1984.

COSTA, G. Q. **Freud e Clarice Lispector: um conto e um reencontro**. Perspectivas Online, vol. 4, nº 14, Rio de Janeiro, 2010.

FREUD, S. **As pulsões e seus destinos**. Tradução: Pedro Heliodoro Tavares. 1ª ed, 2ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

LISPECTOR, C. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MILAN, B. O que é Amor. In. **O que é: amor, erotismo, pornografia**. (Coleção Primeiros Passos, 11). São Paulo: Círculo do livro, 1984.

MILLIET, S. **Diário Crítico**. São Paulo, Martins/Edusp. V. II, 1944.

PAZ, O. **A dupla chama: amor e erotismo**. (Tradução Wladyr Dupont). São Paulo: Siciliano. 1994.

PLATÃO. **O banquete**. Trad. José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

ROEFERO, E. L. **De eros ao abismo**: um estudo do desejo em Felicidade Clandestina, de Clarice Lispector. Dissertação (Mestrado). Programa de Estudos e pós graduados em Literatura e Crítica Literária. PUC, São Paulo, 2006.

SÁ, O. d. **A escritura de Clarice Lispector**. 2ªed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SANTIAGO, S. A aula inaugural de Clarice Lispector: cotidiano, labor e esperança. In: \_\_\_\_\_. **O cosmopolitismo do Pobre**: crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse?** O corpo no imaginário feminino. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.